

PDF Created! 6 Trial
www.nuance.com

Encadernação
da
Livraria Central
Florianópolis

Maura de Almeida Pereira.

Epitafio, 19 de Setembro de 1921.

Minha mãe

Oh! minha mãe, quanta dor, quanta
Sem delirado ao me synthetisa
E me teu laçado coração de santa,
A bondade celeste symbolisa.

Cada vez mais, augmenta e me quebranta,
A saudade de um lei que me escravisa
Sendo de ti tanta saudade tanta,
Que o meu acabrucho, e fere e martirisa.

Longe de ti, quanto me custa a vida
Trago minha alma em prantos envolvida
E o coração em dor em fogo immenso

Ante a saudade atroz que me deslousa
Sem mais valor um lei em tua bocca
Ilo que as riquezas todas do Universo
Jonas P. Moraes

A' Mãe, com uma saudade a

Razinha

4-90-921

A noiva

(Ext)

A noiva se deitara calmamente
A pensar no futuro esposo amado
E adormecera alegre e sorridente
Na derradeira noite de noivado!

Entanto... de manhã... pranto dolente
Da voz partiu-lhe o som! Tinha sonhado
E despertando agitadoamente,
Sacudira o alvaceito cortinado

Porque chorára a noiva?... Alguém lhe dissera
Que ella contara a ris! Foi uma tolice.
Um triste sonho, que julguei ser certo.

Ea deixar as fraldas e os coelhos
Para seguir os rápidos caminhos
De incerto filho, de um caminho incerto...

A Maura
offerece com affecto
a amiguinha
Rosalina

Rosalina

(Ext)

Tu dormirás sobre o meu peito ouvindo
Lentamente bater meu coração,
Como és, formosa e com que gesto lindo
Abandonas a mão na minha mão.

Si tu sonbesses como estou sentindo
Meu amor tua, calida pressão,
Tu dormirias sempre assim ouvindo
Lentamente bater meu coração.

Tu dormirás, tu sonharás que vâgas
Por alvas praias de affastadas plagas
Onde entre pedras se esparsella o mar...

E acordarás sentindo em teu ouvido
Como num caramujo retorcido
Meu coração gemer e manulhar.

Ipolis, 24-7-921.

Maura,
saudades da
Bebelusa
4-10-921.

Soneto

Formosa, qual pincel em tela fino
Deixar jamais pode, ou nunca ausara;
Formosa, qual jamais ~~de~~ brochura
No primavera, rosa purpurina;

Formosa, qual si a propria mão divina
Lhe alinha o contorno e a forma rara;
Formosa, qual no ceo jamais brilhara
Aos gentis, estrellas peregrinas;

Formosa, qual si a natureza e a arte,
Dando as mãos em seus dons e em seus labores
Jamais pode imitar no todo, ou parte,

Mulher divina, o anjo de primores
Quem pode ver-te, sem querer amar-te?
Quem pode amar-te, sem morrer de amores?

Marcel Abontar.

A' amiguinha Mauras, como recordação,
Angelina.

Lagrimas de cêra

Quando Alice morreu choravam tanto
Chovia tanto nessa madrugada!
Era o pranto dos seus, carado, ao pranto
Da natureza - mãe desventurada.

II
Ninguém podia ver-lhe o rosto santo,
A fronte nua, a palpebra cerrada,
Que não sentisse, logo, em cada canto
Das ollas uma lagrima engastada.

III
Oh! não crêdes, bem sei, porque não ristes
Mas quando ella morreu chorava tudo
Até das cicios languidas e tristes

IV
Accesos na sua cabeceira,
Tão chorando o seu pranto mudo
Um rosario de lagrimas de cêra
R. Machado

A' Maura, offerece Américo Vespúcio Prates

O beijo perdido.

Recordas-te? Era tarde; e distraído
Fitavas tua imagem, reflectida
Nas águas transparentes de crystal.
Eu, mirando teu rosto na corrente
As brisas entregava, brandamente,
As docuras de um tenro madrigal.

E ao ver teu lindo rosto avelludado
Ficmente nas águas retratado,
Nellas beiji teus lábios, a tremer...
Mas logo as claras águas, bellissimas,
Seus ondas se perderam luminosas,
E meu beijo na margem se enroscou.

Ó Laura, a amiga e amiga,
Floreana.
Florianópolis, 21-9-921.

Faz hoje um anno.

Por um teu sorriso desferi um canto
Por teus encantos comparei-te a flor.
Por teus olhos me julguei vencida.
Quasi perdida suspirei de amor.

Eras o rubor que eu amava tanto
Eras o encanto de minha alma ardente
Quando meu peito só de amor pulsava
E suspirava só por ti somente.

Faz hoje um anno bem me lembro ainda
Estavas tão linda mas com ar tristonho
Faz hoje um anno que ao dar da luz,
A imagem tua appareceu-me em sonho.

Faz hoje um anno tenho bem presente
Que indifferente me diseste adeus,
Faz hoje um anno que ao cair da tarde
Tive saudades dos carinhos teus!

Ó boa amiga Laura
uma recordação da
amiga Laura

St. Anna
ante relicário
de recordação
amiga, off. Jan
Espolis, 19-9-921

Improviso

Muniz Barreto

Ver... e do que se vê logo abrasado
Sentir o coração de um fogo ardente,
De prazer um suspiro de repente
Exhalar, e após elle um ai maguado!

Aquillo que não foi inda logrado,
Nem será talvez, lograr na mente,
Do rosto a cor mudar constantemente,
Ser feliz e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais quão mais se pride,
Calmar o ardor que pelas veias corre,
Já querer, já buscar que elle se volte,

O que isto é a todos nos occorre:
- Isto é amor, e deste amor se vive!
- Isto é amor e deste amor se morre!

Sen lencço

(Est.)

Pede-me o lenço que me destê out' ora
Podes-me o lenço... Tbeei de mandad'o. Entretanto
Deixa-o fixar um só momento agora
Entre os meus dedos tremulos de espanto.

Quero bejal-o, dissolvê-o embora...
Quero sentir-lhe o pequenino encanto
Que tem nos olhos da mulher que chora
Que tem no labio que murmura um canto.

Mais tarde, entã, quando ligeiro vires,
Branco entre as cores do formoso arco-íris
O len lencinho de cambraia, voando...

Saias que leva no seu bojo amigo
Um rubro e triste coração mendigo,
E volto em magoas, pelo ar pulsando...

O' Manra, com muita amizade,
a amiguinha Cecília

Espolis, 20-9-921.

Louco

(conde de Villenas)

A vida sem amor é o esquecimento,
É o deserto que acusta e que apasora,
Desespero sem fim que, oculto embora,
A vida nos transforma num lamento.

É o continuo chorar no esquecimento,
É o anseio oraz que ^{hora} por hora,
O coração devora a alma devora
Nas rubras chamas de infernal tormento.

Queres saber o que mais dói nesta,
O coração de dor louco, estalar
Entre as dores a dor a mais injusta?

Uma!... Tira tua alma de dor que quer
É doce engano a dor que vem de amar
Uma!... Toffre a dor, pois que és mulher!

A Maura, recordação da
collega e amiga sincera
Lúcia.

Ípolis 21.9.921.

Estrela de Figueira

(Maurício Pereira)

Quem a minha Estrela, e nomeado,
Fiz logo a nota de quem se,
Mas eu depois a Figueira, e a achei tão bela
Que me esqueci o nome e a cidade.

A Estrela, e nomeado,
Não me distinguia Figueira de Estrela?
Figueira virá aqui, morar por ela
Estrela agora vir, faz a diferença.

Mas ah! que aquela me deu a amante,
Pois sabe que estou por ela em todas as partes,
E esta não me quer por inconstante.

Vem, bandido, colhe-me estes olhos:
Um faz de dor semelhante um semblante
Um divide o meu peito em dois pedaços.

A Maura, como parte de amizade e amor
Ípolis, 20 de Setembro, 1921. Lúcia

Morrer... Dormir

(Francisco Octaviano)

Morrer... dormir... não mais! Termina a vida
E com ella terminam nossas dores.
Um punhado de terra, algumas flores,
E depois uma lagrima fingida!

Sim! Minha morte não será sentida;
Não tive amigos e não tive amores,
Ou, si os tive, tornaram-se traidores,
Algozes vis de uma alma consumida.

Tudo é podre no mundo. Que me importa
Que elle amanhã se cubra, ou que deslize
Si a natureza para mim está morta?

É tempo já que o meu exílio acabe.
Vem, pois, ó Morte, ao Nada me transporta!
Morrer... dormir... talvez sonhar... quem sabe?

A' Maura, oferece
Ilópolis, 22-9-21.

Germano Wagenfrüh.

O sonho.

Nem todo sonho nesta vida é vão...

E verás, minha amiga silenciosa
Aos longos passos que nós vamos dar
Que se as vezes a estrada é dolorosa,
Ditas palavras haremos de cantar...
E um dia, enfim, quando chegar o outono,
E colher nossa vida numa humilde
Cremos a dor de um abandono
E as ilusões perdidas uma a uma...
E bem velhinho, eu poderei então,
Sentindo o teu olhar dentro do meu,
Sentindo a tua mão na minha mão,
Dizer, para mim mesmo, olhando o céu:
— Nem todo sonho nesta vida é vão.

(Rodrigo Figueira)

A' Maura,
uma linda recordação da
amiga
Linhaginha
F. 22-9-21.

O primeiro amor sempre é o ultimo.

Eu sei que gostas d'elle, e gostas muito, embora
Procuras esconder o teu affecto puro...
Os labios teus não dizem, o teu coração esquivo
Confessa o amor sem fim que no teu peito mora.

Eu sei que elle te ama, e sei tambem que agora
Finge não te amar mais, finge ser um peregrino.
E tu, pobre coitada, ante este golpe duro
Sem saber que é mentira, vê-se só e choro.

Julgas que és desprezada? Eu digo-te não
Antes.

Que elle te ama ainda. Extingue este teu pranto
Bem cedo passará a tua enorme dor.

Tu dizes que não o amas. O teu olhar não mente
Os olhos dizem sempre o que o coração sente
Eu sei bem que elle foi o teu primeiro Amor.

Uma recordação de quem muito te quer
Carlota v. Theis

1.10.21.

A collega e amiga
Florence, uma canção
de quem muito te
adora e admira

Confidencial

Recordas as vezes que em me lembro della
Tejo. a rosada, encantadora e vejo
A sua esbelta forma de donzella
Bebera de amor e cheia de desejo.

O meu amor mais em penos e mais almejo
E vou-lhe a fronte uma capella,
E dar-lhe venturoso um doce beijo
Lembrando aquella vez... junto a janella.

Quizera que a ventura mais completa
Nas nossas pagaras o sempre beijo
Livre batendo o coração de um poeta.

Silencio, minha musa! Eu te maldigo!
- Se for crime, portanto, dar-se um beijo
Eu quero receber o meu castigo.

22.9.92

João de Oliveira

Eu
Pra
Se
Con

Mama

Das flores as mais raras e fermosas
Ergoz-me um lindo ramo te offertar,
Mas ai! nas mãos inhábéis se murchar
O lírio, e as fúscas purpúrinas rosas

Eu
Fin
E t
Seu

Desfolharem ao vento. Os caprichos
Ansas eu fui depois sollicitar
Uma canção e as cordas fiz vibrar
Da minha lyra... E tócas, chorosas

Ju

Qu
Be

As notas que desfas são endeadas
E confundir não deves minhas notas
Com teu som de canção!... Mama,

Tu

O

Eu

Como é estúpida a minha pretensão:
Si entre flores soni teu coração,
Que ha de offerecer-te a pobre Mama?

1. 10

1. 11. 221.

Mama

Mama
offerece a canção
justa a gratidão

O amor, é como a terna tapadeira
Que em grosso tronco, vai subindo a curta
Até chegar á frondes altaneira.
Para estender seus braços sobre o arbusto!

E depois quando o vé frondoso e augusto,
Se embacala na rama denadeira,
Queca-lhe as folhas e mata-o, remisto,
Deixando só, esqueleto de madeira!

Edga! O amor fundeu nos lentamente,
E como a tapadeira innocente,
Que mata o arbusto que lhe da guarida,

Fugirá muito em suas desconfianças,
Passando-nos o espectro de farsas,
No cenário risinho d'esta vida!

(J. J. Costa)

Ri, coração.

Eu
Pro
de
Cor

Nunca te humilhares, coração; espanta
Essa Kristega languida que data
Desde que viste fugitiva e branca
Essa fria mulher que te arrebatou.

Eu
Fui
E
Se

Tão choras, coração; depressa, estanca
Esse pranto que amargo se desata....
O teu valor que faz, que não arranca
De tuas fibras esse amor que mata?

Eu

Levanta-te viril! Mostra que és forte,
Que podes mesmo, nos humilhaes da morte
Rindo mostrar uma piega d'ago!

Qu
B

Tu

O

E

Ri, que esta vida é uma comedia humana,
Consiste em rir toda a ventura humana...

Ri, coração, tristissimo palhaço

(Estr.)

1.10

Em homenagem de uma
amizade preciosa, effusa

João Wagnier

Florianópolis, 10-10-21.

Mãe

Que sefa na desgraça ou na ventura
Com seus affectos e com seus extremos
Teia por nós um anjo de ternura
Que nos prepara desde que nascemos

Amor, sempre as desventuras
Seguem nos sempre nos laços mais estreitos
Soffre do mal se o mal nos transige
Mas é feliz quando feliz vivemos

Esse anjo é nossa Mãe tão carinhosa
Que por muito que ausentes fôr e ausamos
Como a regerem seus sinceros minutos

Continuamos soffre e se gozamos, goza,
Com magua chora quando nos choramos!
Sorri contente quando nos sorrimos

Perfekte
S. Lúcia

Mãe
S. Lúcia
conseguiu a

O finados

Mathew J. M. M. M.

Lejá está o cemiterio — o campo da igualdade
Reberto e preparado pra festa da saudade,
Ese entre as avenidas negreja a multidão
Que invade em romaria a tetrica manhã.
São poucos os pizigos que estão em esquecimento,
Em toda a multidão se nota o sentimento!
Ha luzes espalhadas naquelle quadro santo,
Em cada sepultura a prece, o cirio, o pranto,
Por alma dos parentes que a morte arrebatou
E alli naquelle solo cruenta sepultura!

Aqui expensas urzes talhadas pela enchente
Acolá uma cruz de pauco levantada
Alli um epitaphio em marmore branco
Além um outro túmulo de novo edificio
Ha vasos com roseira arqui da catacumba
Mil flores a coroa, expostas sobre as tumbas
Grinaldas de ouro, de goivo, de alcorim,
Lanternas de crystal e anjos de marfim

Nos ramos do cyprate murmura a ventania,
Em tudo alli se sente um quê de hypochondria,
Um misto de tristeza, de cantos sepulchraes...

Aqui — e uma familia rando pelos Ecos
Alli — uma nova em pranto debulhada,
Depois uma ophazinha chorando ajoelhada,
Além as pobres mães que os filhos seus imploram,
E o rico, o pobre, o velho, o jovem — todosoram
A brida de a tumbas sombrias com o mar,
E onde todos nós iremos descansar!

Para, para que sempre te recordes do ans de
1891, aqui deixa estes versos de Tota, o colega
Octavio Machado 10/10/92h

À irmãzinha
Leonor,
uma recordação
do Guilherme,
minha te queri-
do, 24-9-1921.
Maldição

Se por vinte annos, nestas fumaças escuras,
Deixei dormir a minha maldição,
Hoje, velha e cansada de amargura,
Minha alma se abrirá como um vulcão.

E, em torrentes de cólera e lozcura
Sobre a tua cabeça ferverão
Vinte annos de silencio e de tortura,
Vinte annos de agonia e solidão.

Maldita sejas pelo ideal perdido!
Pelo mal que fizeste sem querer!
Pelo amor que marquei sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem fructo!
Pela tristeza do que eu tenho sido!
Pelo esplendor do que eu deixei de ser!

(Olaro Bilac)

À querida
Maurasum beijo
do primo Arthurzinho,
24-9-1921.

O lenço

Esse teu lenço, que eu posuo e aperto
De encontro ao peito, quando durmo, creio
Que hei de mandar-t'o um dia, pois voubei-o
E foi meu crime, em pouco, descoberto.

Justo, por isso, a procurar quem certo
Possa servir-me n'isso de correio!
Tu não sabes quão grande é meu recio:
Se em caminho te fosse o lenço aberto!...

Corém - o' minha vivida chimera! -
Fita a banda em que m'oro... fita e apura,
Que, enfim, verás, em tremulos adejos,

Em cada ponta um beija-flor pegando,
Ir pelo espaço o lenço teu voando
Bando, enfunado, concavo de beijos!...

(Guimarães Passos)

Amor

Testemunhando
minha sincera
amizade de
abriga e collega
offereço-te
Esmerita

De amor escuro, de amor frato e vivo;
De amor que nasce, amar sem ser amado;
De tudo se descuida o meu cuidado,
Quando não seja ser de amor, captivo.

De amor que a fogar alto võe altivo,
E funde a gloria sua em ser pursuedo;
Que se veja melhor purificado
No immenso replendor de um raio requivo.

Mas ai que tanto amor só pena alcança!
Mais constante ella, e elle mais constante;
De seu triumpho, cada qual só trata

Nada, em fina, me aproveita; que a esperança
Se anima alguns vez a um triste amante
Ao peito vivifica, ao longe mata

(Camões)

A boa amiguinha Maura, uma
recordação sincera da Cigar Nunes

Jamais ha de voltar.

Eu tive (já vai longe) um grande amor,
Que ficou para sempre na lembrança,
Era então pequeno, era uma criança
Eras tu o projecto de uma flor.

Nosso amor, foi delirio sem ardor.
Nossa vida, era um mar sempre em bonança
Vivia em nossos braços a esperança
Que nos deixava sem pensar na dor.

Porém, um dia (que fatalidade!)
Quiz o destino assim nos separar
E fugiste de nos, Felicidade.

Agora nossas almas a sangrar,
Itinerão dos resquícios da saudade
Este amor que jamais ha de voltar

(J. Mello)

3. 10. 721

A cigana.

20-10-91.
Epitáfio.

Era uma vez uma cigana. Um dia
Laura pediu que lhe lesse a sina,
E ella a cigana de contente ria
Lhe a mãozinha delicada e fina.

Fita-lhe o olhar, e debile e frantina
Linha por linha attentamente lia,
Um futuro de rosas á menina
Tudo que Laura desejar podia.

E disse aos paes. Tres vezes meus senhores,
Aquelle ipê de cobrirá de flores
Para a menina se cobrir de um véo

Laura sorriu-se e coçou. E um anno depois
Vaiis um e um terceiro, e Laura morre
Foi com certeza se casar do véo.

Como recordação do nosso tempo collegial,
offence como lembrança a sincera
amiguinha Laura

Epitáfio.
20-10-1921.

Morta sublime! Minha santa morte!
Hoje quanto tempo já te frantero!
Que o teu perfume me não mais conforta
Nem mais me obriga no teu parto rio

Oh! Lembranças! Segundo priso
Amanhã me brincava ao pé da porta,
E agora no caixão de flores cheias
Mae! Não sonhava que estivesse morta!

Um dia passou... um mez... um anno...
Dois... e tres... e mais... e da! Desengano!
Nunca mais me deixou seu falso amigo...
Não se vi nunca mais! E na ophandade
Edando agora nas trevas com saudade
Mãe porque foi que não morri contigo.

O'Mansa
attestando minha
amizade. Inez

Luiz Listerini

Dulce

I.

Se houvesse ainda talismã benedito
Que visse ao fantasma a corrente pura
Mergulho ao rochedo, festa à sepultura
Das agnias negras - harmonia ao grito

II.

Se alguém pudesse ao infeliz preito
Dar lugar no banquete da ventura
E trazer-lhe o velar da insomnia escura
Na procura dos beijos - infinitos.

III.

Certe seria tu donzella casta
Quem me tornasse em meio Calvaria
A cruz de angustia que o meu ser amarta

IV.

Mas se tudo recusa, não, o que deixo
Na hora de respirar - Dulce basta
Morreu beijando a cruz do teu rosário

E. Alves

A' Maura,
uma lembrança da

Rudiz

Enterro do coração

A' porta da Capella, necrotado
Fiquei a meditar em minha sorte,
Sem mais esperança em meu noivado
Da dor sentindo o tragico transporte.

Lamento a dor quem ha que assim suporte
Então de soffrimento e abandono,
Marchando o desprezo para a morte
Entre alas de paixões cumprindo o fado?

Depois enterro na lyrica Capella
O noivado feliz de minha amada,
Que entre flores sorria, casta e bella.

El involto na cruel ingratitude
Sente minh'alma em pranto mergulhada,
Assistindo a enterro meu coração.

A' boa Maura, com alegria
minha alma oferece
a Edith

As vossas mãos.

As vossas lindas mãos são mais altas que a espuma
De um mar cheio da luz de um mystico luar!
Não ha canturo em flôr que mais frescor resume,
E mais aromas tenha em vortices pelo ar!

As vossas lindas mãos tem finalmente em summa,
A brancura hostial, idolatra do altar!
Foram feitas por certo assim, uma por uma,
Foram feitas na luz de uma estrella a sonhar!

E no entanto talvez bem cedo, muito cedo,
Ellas as vossas mãos, num tragico segredo,
Sejam por vermes vis para sempre corroidas.

Ah! dessas vossas mãos (se é que um dia resaram)
Só valerá então o tempo em que desferam
As contas da oração as almas desoladas!
(Traujo Tiquirudo)

A' Maura com um beijinho da
Leticia,

21-10-32.

Exerc. de Grammatica

Junca p' mancebo se a jói com elle.
A mão p' o peito do jarello.
Sempre acinte as línguas.
E por mais forças que elle em si tenha
Sentir em presença da formosa plume
Seus palpitações.

Seja das provas da paixão numero
A mais completa indifferença
Como habil professor
Sente a friez diarte dessa imagem
Vençe o recio, falta-lhe a coragem
Soffrer o intenso amor.

Diga o futuro deste verbo! Elle
Sem leve alteração na face bella
Responde "Eu amarei".
Mas si o tempo for passado?
Elle diz firmemente "Eu tenho amado".
Ou a des? Eu amei.

IV

Como se chama esse tempo: "Eu amaria?"
A moça responde sempre fria.
Condicional p' chamit
Diga p' presente do indicativo. É a mecha.
Ella corando confessa p' seu segredo
E balbucia: "Eu amo."

Maura.
Como recordação,
deixo entre estes sonetos
a mais sincera amizade.

Da
Almira.

Ameçadade!

Na que tempo te espero! E não queres passar
As horas vas, correndo e penso que não voltas
Minhas idéas ouve! estão frias, revoltas
E te procuro embalde ao clarão do luar!

Os admiráveis ventos como eu estou soffendo
Na vida cruel que me maltrata tanto!...
Julgando que não vens e que não voltas, vejo
E me sonho morrer... afogada no pranto...

Orém "não sabes"; não! Que se isto seria não for
Eu já tinhas voltado e eu não ficava agora
Te invocando ao luar, em triste pranto aqui...

E tarde já! Não pens... vou fechar a janella
Não posso mais ficar, tão só de sentinella,
Para ver-te passar esperando por ti!

A Maura uma recordação
da Aurora

Juramento.

Jurei não revelar-te os meus segredos
Diante desta tua indiferença
Jurei guardar no fundo do minha alma
Os meus sonhos de amor, a minha crença

Mas hoje quebro a jura do passado
Não posso te occultar meus sentimentos
O amor que dentro d'alma consagrei-te
É mais que uma paixão é um delirio é um tormento

O meu unico encanto é a tua imagem
Que até nos sonhos meus se adivinha
O teu nome é meu constante pensamento
Cade até após a morte eu hei de encontrar!

A. Maura. 10/10/1911
sinceridade de
Amor.

Sonhando

Olavo Bilac

Sonhei que me esperaves, e sonhando
Sabi, perdido por te ver. boaria...
E tudo, no ver-me tão depressa passando,
Dobre logo o fogar para onde eu ia.

E já me falas. Desentendo
Quem passos alhargos da harmonia
Despertados passados e dando:
Vae mais depressa! Parabéns! a d'ia

Disse o luar: — a espera que eu te sigo:
quero também beijar as faces d'ella.
E disse o ploma: — a tua que eu vou
pontuando

O phœnix ao chegar disse para estella:
— "bom dia! como és feliz, amigo,
que de tão perto podes ouvir a tua alma."

Ahi, a amizade da
glória

Soneto.

Tempo feliz, os dias do noivado,
Repleto de esperanças e de amores,
Sem os encantos múltiplos das flores
Quando beijadas pelo sol dourado.

Ser noiva é ter no coração plantado
Sem conhecer doridos dissabores -
Um mundo de illusões e de primores,
Onde só vive o coração amado

Ser noiva é ser feliz e venturosa
E viver como estrella luminosa
Num céu de mil encantos a brilhar.

A noiva: vê no mundo um paraíso
A noiva tudo fala com sorriso,
E o noivo a comprehende num olhar.

A boa Maura;
uma recordação
da E. Almeida.
Stokler de Lima.

Saudades

Saudade, paixão sublime d'alma humana,
Alaga para a quem de coração ausente
A marinha de luctas, n'esta vida insana,
Quem saudades não teve? Saudades não sente?

A força de vontade tudo cria e sana,
Mas nunca ouvi dizer que nesta vida um
De estrutura mais nobre até a mais profana:
E a saudade obstrua esse ideal da gente!

E é tão doce ter saudades num momento,
Folhear as illusões no album do pensamento,
Causas e acções passadas, perdidas a esmo

E eu olhando para mim, pra minha sombra
Olhando,

Perendo as illusões perdidas não sei quando:
Eu costumo até ter saudades de mim mesmo

A. B. Vianna

A Maura offerece a amiguinha
Marta del. Muriça

Risalia

I.

Que horrível noite de tormenta aquella
Em que em choro de susto e de ansiedade
Se affrontes resolute a tempestade,
Se para estar um momento ao lado della

II.

Nel a porta transpuz, resouba e bella,
Risalia me apparece, oh que saudade
De seu bendito olhar de suavidade
Que de luzes a minha vida estella.

III.

Da fôrta a chuva em batidas
A noite era mais terna e mais amada,
E pelo vento cis nem uma estrellada.

IV.

Oh, coisa singular, não se ainda
Nem uma palavra de luz tão linda
Pois a noite de chuva em que fui vel-a
Belmiso Braga

So, Venera,
affonso a amiga
Bella Clara
1911

Soneto

Lebantião Furtado

Quando a morte gelou-me o coração,
Envolvei-me em salar de merino;
Não quero fins vestes sendo pó,
Não posso ostentar luxo sendo chão.

Sei morto, que é chão — não tenho de,
Se quero, provisoria multidão,
Que me enterreis n'um cruceiro solido
Onde reine o silencio só, bem só.

Não quero na minha sepultura
Nem marmores, nem relevos ou escultura
Nem abrigo de falso mausoleo.

Se digei-vos peço — "Eternidade..."
Levastes uma alma sem vaidade,
Meu Deus — collocai-a lá no céu.

Le distincto
elega Moura uma
eterna de branca
1911
1911

maior.
uma recordação
da infância.
11-10-94.

De Esperança Caridade

Delminda

Silveira

Meigo Jesus, quando no altar oravas,
quando o colar das margaridas agitavas
perante o Céu, e a tua angústia vê,
no poder das unhas agnidas,
a humanidade imortal tu dirias,
tu lhe dirias: - Céu!

Quem nas horas erradas
dos espíritos errados corados
das memórias e das idéas
as Deus e das margaridas
naquelle Céu que oravas
tu lhe dirias: - Esperança.

Censar na Cruz entre os primeiros
doentes os outros piedosos
alma errada não estás humana,
redimida os Céus perdidos a humanidade,
inimigos os seus Caridades.
tu lhe dirias: - Roma.

Deus

Delminda (Jardim das benfiteiras)

Em Xorao no jardim da mesa
sem a família, Xorao,
perante sua Xorao
na Xorao da Xorao.

Esperança - se de pego quando
a mão que pega Xorao,
pêgo pego pego, suspirando...
Ho pego a Xorao pego.

Esperança - se de pego quando
a mão que pega Xorao,
pêgo pego pego, suspirando...
Ho pego a Xorao pego.

Esperança - se de pego quando
a mão que pega Xorao,
pêgo pego pego, suspirando...
Ho pego a Xorao pego.

Esperança - se de pego quando
a mão que pega Xorao,
pêgo pego pego, suspirando...
Ho pego a Xorao pego.

É minha luz, meu sol, meu céu
É tudo pago como um sonho:
suavidades... fúria...
palidas mãos... olhos Kristófonos...

Marta, desfolha-se a ^{nota...} ~~uma~~
E um braço, a palpável suspensão,
Simples uma lagrima saulosa...
a - Marta, onde é que está ^{essa} ~~essa~~

Benê e filha, docemente,
foem-se a lembrar, baixando a sala,
como se a boneca e homem ausente
cabeceira e se a sala.

Ah, essa ausência ^{origem} ~~de~~
de tal Kristófonos... ~~essa~~ ^{essa}
E os seus olhos de ~~essa~~ ^{essa}
para o Kristófonos ~~essa~~ ^{essa}

breve, os olhos... E a maldade
falsa, subtil, sobre a família...
Silêncio! Na sala enorme
a lampada acesa, um pigritia...

É Maria a ^{essa} ~~essa~~
essa

de Maria
com a amizade de
essa

Beatriz

Beatriz! Beatriz, minha querida
Branda, minha que em toda parte vejo!
É a minha única que almejo,
Amor, igual me não fora concedida

Meu amor, minha vida, minha vida
Tudo bem com que soube e que amei;
Tudo o que aspiro e tudo o que desejo,
Só a ti devo, o alma comovida!

Do meu amor não saibas todavia
Por que, si igual amor te não mereço
Cantos ouvidos quero, que o mereça

Succumberei a dor de que padego,
Si a tal franqueza chamam covardia
Eu vivi um covarde por tal preço

A. Coutinho

Ai Mariana
luminosa
das amiguinhas
Mariana José.

Celeste.

E' tão divina a angelica apparencia,
E a graça que illumina o rosto della,
Que eu concebera o typo da innocencia,
Nessa criança immaculada e bella.

Peregrina do céu, pallida estella
Exilada da etherea transparencia,
Sua origem não pode ser aquella
Da nossa triste e miseravel existencia.

Tem Celeste a ingenua formosura
E a luminosa aureola sacrosanta
De uma visão do céu, candida e pura,

E quando os olhos para o céu levanta
Inundados de mystica doçura,
Não parece mulher - parece santa.
A. Pontoural

Conquistada
Nunca lutei por ella, mas pagina fulgente
Que George Sand, com a sua melancolia, e
Cabe a alma, e o seu da fura parca, e
Onde o amor, a harmonia e a graça hincam pontes?

Deus da-mos a sua mão! memos e docentes!
Por isso a sua vida... e flama - seu vis!
Deus da-mos a sua mão! e a sua vida, e
Deus da-mos a sua mão! e a sua vida, e

Deus da-mos a sua mão! e a sua vida, e
Deus da-mos a sua mão! e a sua vida, e
Deus da-mos a sua mão! e a sua vida, e
Deus da-mos a sua mão! e a sua vida, e

A. Mariana
da Mariana

Carlos Alves
Apolo, 6-V-934

A' l'oa
amiguinha
Madrã
Em caminho
offense
fremula

I

Estrada afóra, vamos sosinhos
Parando aqui e ali... Tu me dizes
Na tua voz mais cheia de harmonias,
Falas de amor e fúria de carinhos:

Quanta luz ^{II} quanto aroma nos carinhos
Por essa estrada afóra! — E quando nas,
As aves, a escutar das ramarias,
Estremeciam, por dentro dos pinhos!

III

Então toda a floresta era um murmúrio
Das flores matinaes no seio aberto
Resava uma... cantava um... tudo!

IV

É um sussurro moribundo de abelhas
É como bocas línguas de sinos
Tão se abrem e se fecham num bocejo!

Rodolpho Farias

Eu não
Abando, como se
cuidas, os tempos
que juntos passamos
Dulce

x x x

Na minha pobre e triste solidade
Longe de ti, meu casto amor, tão longe
Reclino agora, coitadinho monge
Sinto a melancolia que me invade.

É como se eu estivesse em ti chorando de saudade
É como se eu estivesse em ti chorando de saudade
Quão minha alma ansiosa em ti procura
Encontra a magna infirmitade e um piedoso

Foi no entanto na risos e alegria
Em derredor a luz toda inebria
A natureza alegre e palpitante

É em choro a eterna luz do meu desejo
Oh! como não soffrer se não te vejo
Se estás com os teus carinhos tão distante

X

11. 10. 921.

Lembrança

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma lembrança,
Levando n' alma a esperança
E a saudade que consome,
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida
Minha barca foi fendida
E meu corpo espedaçado,
Ao ler o canto sentido
Do pobre morto perdido
Teus lábios dirão: — contado.

Caro amigo de Albrecht

É sympathica a tua
Uma lembrança da tua
mais obscura amiga
Esther de Jesus
Blancpain, 1-11-98

A tarde é tão serena, luminosa,
Que de tão grande, partiu.
Para que estância, posto se cidade sumptuosa?
Como que fin? demandando o norte, o sul?

Das plumas, da melancolia
Das montanhas, que o azul angelizou de azul...

Que não abre a pelle, é a Tentação da tarde
Como um jovem herde sequeioso de legenda
Não me aventurem sem temer, caros

Nada o meu lance turbaria

Si a solidão no mar fosse rude, trançada,
Cantaria;

Si a uma recordação amargosa, chorosa,
Cantaria;

Si a pelle se pudesse e se despedaçar
Cantaria;

Oh! o arajo num gesto, o destino prafiro
 No encanto preparal que se derrama...
 É a mercê do vento que ~~se~~ das ondas, perdido,
 E me directriz e sem roteiro,
 A uma fascinação pelo desconhecido,
 Vendo mundos subindo, aliq' pros do mar...
 Oh! uma viagem longa... e glorioso encido,
 Com legenda ou sem fama,
 Na illusão ou não d'ôr, não voltar, não voltar!

Olivier e Silva

A' amiguinha Moura uma

recordação da

Carta de J. Moura

"Santa."

Ai Moura, como
recordação da
amiguinha

Santa e formosa, muito formosa e santa
 E pura e meiga, muito meiga e pura
 Tem ella tanta formosura tanta
 Que excede ás flores em candura.

A sua alvura os hyrios pois, suplanta,
 Suplanta os hyrios todos em brancura
 Essa mulher encantadora e santa,
 Formosa e meiga, muito meiga e pura.

A luz de seu olhar, é luz intensa
 A sua voz tão branda que me encanta
 É o seu sorriso de doçura immensa.

Excede ás flores, pois em formosura
 Essa mulher encantadora e santa
 Formosa e meiga, muito meiga e pura.

Jl. Moraes.

Myosotis.

Entre os mimos gentis da natureza
florinha melindrosa Deus creára;
do azul do céu na mystica pureza
as pit'las delicadas lhe banhara.

Depois, no firmamento a esteira accesa
das nebulosas, o Creator fitara,
e de uma estrella a forma e a belleza
imprime á flor gentil que abençoara.

Quando a lançou, porém na terra dura,
vendo-a tão pequenina, tão mimosa,
a não te esqueças de mim? disse d'Alta...

Assim a innocentinha graciosa
- tornou-se grato emblema de ternura -
de duro - adeus recordação saudosa!

A gentil amiguinha
Mauro, um a
recordação de
Palmyra Faria.

(Belminda Silveira)

Visita à casa paterna

Como a mãe que volta ao ninho antigo
Depois de longo e tenebroso inverno,
Eu quiz também ver o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entre. Um genio carinhoso e amigo,
O fantasma da luz do amor materno
Tomou-me as mãos - oh! me grave e ternu
E passeia passei, caminhou caminhou

Era esta a sala (oh! se me lembro! e quanto!)
Era que da luz noturna á claridade
Minhas irmãs e minha mãe. O franto

Torreu-me em ondas... Resistir quem
Uma illusão genia em cada canto
Chorava em cada canto uma saudade

A sympathia Mauro
uma recordação de
Ego

Fe, Esperança e Caridade

Meigo Jesus, quando no Oboito navas,
quando o caliz das magoas esgotavas
perante o Céu, q' a tua angustia vi,
no padecer d'aquellas agonias,
a humanidade ingrata tu dizias,
tu lhe dizias: — Céu!

E quando por algozes amastado,
dos espinhos agudos corôado,
ias, seguindo a turba ignobil' feroz,
os teus olhos magoados levantando
aquelle Céu, que assim te vi' possando,
tu dizias: — Esperar!

Depois, na Cruz, entre facinorosos,
baixando os meigos olhos perdidos,
alma abazada por edes' chamma,
pedindo aos Céus perdão a humanidade,
ensinavas a doce Caridade:

Tu lhe dizias: — Amar!
(Delminda Silveira)

St. Maria
uma lembrança da
Sinhazinha.
2-11-99.

St. Maria

St. Antonio Thomaz

St. Maria! Oh sancta donzella
Toda cheia de graça e formosura!
Deus é' contigo, exalta creatura,
E não poder' començar em ti revella.

Bendicta és tu, miniosa flor singela,
Preservada por Deus da culpa escura
Entre todas as virgens a mais pura,
Entre as mulheres todas a mais bella.

Jesus, o doce fructo originado
Do teu seio é' bendicto e adorado
Por céu e terra em mystico transporte,

Santa Maria, o nome de Deus querida,
Reza por nós durante a nossa vida,
Da' nos e brê depois de nossa morte.

St. Maria
uma recordação da
Mãe

Tão breve

Partes tão breve e não sabes quanto,
Tua ausência vai custar-me agora
Tu que nunca me deixaste outr' ora
Nem no começo deste amor tão santo!

E como esta lembrança me apavora!
Quinda não partiste e soffro tanto!
Tenho o peito gelado porque o pranto
Vozes de um coração tanto chora.

E quando a tarde descambando
Tindar-se a doce claridade,
E o batel de onda em onda se simando

Ouvres um rumor na immensidade
E minh' alma que se vai accepanhando
Por sobre as longas mares da saudade!

Li Maria uma recordação
da Adeline

~ Buena-dicha ~

— "Linda cigana, és tu que lês a sorte,
Buena-dicha aqui na minha mão?
Dizis bem, dirás quando será que a morte
Tem condizir-me á celestial mansão."

Alha, cigana, já que tu és forte,
Lêes de no fundo do meu coração,
Lêes de revelar o meu futuro e morte!...
E a cigarinha os olhos tem no chão.

Hum gesto seu divide o mau agouro...
Nisto estremece a filigrana de ouro.
Que cinge o collo á divinal mulher.

— "Não mais verás... oh! não! te desagrada!"
Insisto. Ella conclue com a voz velada:
— "Da aurora da manhã o rosicler!..."

Estremeci. A fada mysteriosa
Fitou-me os olhos bellos, sciattillantes.

Estes cabellos, esta voz mariosa,
Este olhar... — pensei eu, são fascinantes! —

Ella sorriu. Ifo vel-a silenciosa,
Perguntei-lhe afagando-a por instantes:
— "E ten nome qual é, fada mimosa?"
— "Bartyra, ou adrinha dos amantes!"

— "Vai-te, Bartyra! não te quero aqui...
Quero estar longe... bem longe de ti!...
Não és fada, cigana, és Lucifer!"

— "Tens razão, não sou elle, alha quem sou!"
E á sua voz meu rosto se mudou:
— Era Elle, vestido de mulher! —

*Indivíduo
aquí toda a minha
sinceridade
Lara*

25-10-921

Dolitude

"Já não tua vida a tua vida:
Pertence-me também; gela-a portanto,
Bem és que soffro e me desfaço em prompto
Só de sahe-la exausta e combalida.

Tua alma na minha está fundida
Ei, de que rio, eu satisfeito canto.
E se te affliges, também eu, porquanto
Quiz Deus que nada entre nós dois colhida.

Deixa o trabalho rude que extenua
E a vida gela que não é só tua,
Uma vez que contigo parto a sorte.

Poupa-me a maquia de saber-te enfermo
Pois teu destino marcará meu termo
Nem viverei se te levar a morte!"

*A Moura
Aqui, fico a mim,
ho amiga de*

Hilda

1º-11-1921

O meu ideal

No porte a distincção nobre e correcta,
cheia da graça natural que encanta;
nos olhos - doce luz que me aquebranta,
um reverbero d'alma de Poeta.

Como o canto materno que aquietta
febril infante co'a harmonia santa,
derrama a sua voz doce e tanta,
que a negra dôr não mais minh'alma affecta.

Tudo o que eu penso, vejo em seus pensamentos,
prefere o gosto seu tudo qu'eu amo;
são como os meus seus intimos pensamentos.

e eu - louca, louca! - o meu ideal - lhe chamo!
mas se existe a visão dos meus sonhos,
embalde em seu amor meu peito inflammo!...

Delminda Silveira.

A' intelligente e sonhadora Maura - da.

Ignaz Veiga de Faria.

Saudades

Saudade! olhar melancolica, trista
Inatingivel que o destino tece,
Sombra triste dos olhos de quem ama,
Voz da garganta de quem não esquece.

Saudade! Mãe em cruz, labios em prece,
Labor do extinto amor e extinta flamma,
Quar da ballada que do céu derrama
Luz que desperta, sombra que adormece.

Sahir lento de palpebras... Grande ansia
De almas unidas pelo mesmo fado...
Oh saudade! fiandeira da distancia!...

Por ti, que és todo o bem que me extasia,
Quizera ter das vezes que hei chorado
A millesima parte em alegria.

Augusto M. M. M.

H' amiguinha Maura, uma recordação
da collega.

Lia.

A lora
Moana
a encerra
amizades
Scylla D. Silva

Outra ora e hoje

Outra ora pela trilha da ventura
Minh'alma, alegre, caminhava errante,
Lidando sobre um campo ardecente
De flores, rios, duma alvorecer pura.

Das fibras de meu peito assaz possante
Foiravam carnes cheias de ternura,
Neste viver despido de amargura
Tudo era bello, tudo deslumbrante.

Hoje minh'alma vive dolorida
Porque levei, donzella, um golpe astuto,
Nesta chimeira que se chama vida.

Amei... sulquei do amor as tuas aquas
- Não fallo mais porque correndo, quero
Neste meus versos aronda as máguas.

20/1

XIII - X - 921

Prata Lem, Machado

Abandonos.

A lora
Moana
a encerra
amizades
Scylla D. Silva

De lora a lora a não delgada
e segura,
O marquezinha empicada olha o júbilo salão
Tem gesto e grace, a voz tangunda e macia
Empicada a retina e assiro, não dura mais que um
de
de lora a lora a não delgada
e segura,
O marquezinha empicada olha o júbilo salão
Tem gesto e grace, a voz tangunda e macia
Empicada a retina e assiro, não dura mais que um
de

E elle recorde... E não more
que treme
Esperando, no momento, a sua mãe
Depois na desprimura apal de morte lora,
Nem outro que ficava... um outro que ficava
E alameda de lora e de lora o júbilo
Hosana Hosana

A lua
amiguetinha
Mansa, saudosa
Recordação do
Nair Galvão

Penso em ti

Penso em ti quando vejo o céu sereno.
Meiga estrella isolada a scintilar
Quando a lua tristinha e massilente
Melancolica e saudosa beija o mar.

Penso em ti, nesta hora de saudade
Pois a tarde, ao calar, fezar traduz
Quando o mocho gemendo aderge para
Nos braços carconidos de uma cruz.

Impossivel, não posso agora e tarde
De teus labios ouvir o meu sonhar
Impossivel dissei só quando a lousa
Cara sempre do mundo me occultar.

Penso em ti nesta hora de tristeza
Pois que é triste e bem triste o meu viver
Ai não posso ai não quero, não me é dado,
Dar-te um beijo de amor depois morrer.

Epilios, 17-10-921.

duas sombras

Na vida solitaria do destino
Duas longas sombras se encontraram.
E após entrelaharem-se mudamente
Indecisas e hesitantes assim fallaram.

Quem és e o que aqui procuras
Quando é treva e solidão?
Eu sou o amor diz a primeira
Sures e levo aqui um coração.

Sou sego, bem se vê quando penetro
Os braços duma alma illudida
Illusão quando deixo nesta alma
Os vestigios duma esperança perdida.

E tu a que vens, eu te pergunto
Como te chamas e porque ferasas trais?
Eu sou a saudade diz a segunda
E busco justamente o que tu levas.

O tormento sou, flagello um pato amante

Que victima duma cruel paixão,
Se dirige colérico a ti, dizendo
Que te amo... és illusão.

E as duas sombras allí mesmo se abraçam -
Em segro algumas palavras trocaram,
E juntas seguindo a estrada do destino
Vão então amigas intimas ficaram.

E' Maura em signal de amor, sempre

A' Maura,
recordação da collegia

Confissão de amor.

A loira filha de Albion, a inglesa
De olhar azul que languido se move
E das garbas do amor, sente-se presa
Inconfessante balbucia: - *Je t'aime* -

A alma da moda, a fina flor de França
Que de cupido, os dardos já não teme
Se alguma acaso o brando peito alcança,
E exclama rindo e galhofando: - *J'aime* -

A italiana pallida e formosa,
De voz tão doce como o gaturamo,
Quando do amor a essencia perigosa -
Cae-lhe no peito ella murmurando: - *J'amo* -

A bella filha do praz de Cid
Flor de ha gracia, diva de Larcia.

Que tem no olhar as noites de Madrid
Li sente o amor, confessa altiva: - Se quiers.

E a brasileira, a trasega, morena
E sua belleza no arrebato proclamo
Entre as primeiras, candida e serena
E ora, estremece e diz confusa: - Eu amo.

A meiga Maura.

A flor encerra o germen, o perfume, a doçura;
Coração encerra a vida, o amor, a ternura; a flor desalo-
tôa, entornando aroma si o sol aqueceu; o cora-
ção é como a flor: expande-se derramando a ternu-
ra si o amor o feriu....

D.S.

Sei sempre saudosa e amiga fiel,
Marina.

A boa Maura,
recordação da sincera
amiga: Diamantina
6-10-94.

A virgança da porta

Era um habito antigo que elle tinha;
Entrar dando com a porta nos balentes;
"Que te fez a porta?" A mulher vinha
E interrogava. Elle cerrando os dentes:

"Nada. Graze o jantar." Mas a noitinha

Calhava-se. Feliz os innocentes

Olhos revê na filha, e a cabecinha

Lhe afaga, a rir, com ambas as mãos tremenles.

Uma vez ao tornar a casa, quando

Orguia a aldraba, o coração lhe fala:

- "Entra, mas devagar..." Eára, hesitando...

Nisto nos gonzos range a velha porta:

Ri-se, escancara-se. Elle vê na sala,

A mulher como doida e a filha morta!

Alberto de Oliveira.

A noiva

(Ext.)

Sorris-te, filha, a esperança de ventura!
Fulge em tús olhos seductora luz!
Que nunca, nunca, na tua alma pura
Murcham as rosas que o amor produz!

O mundo é bello, sim! quando fulgura
O amor que nos attrah e nos seduz;
Porém, a quanta dor, quanta amargura,
E ne illusões instantes nos conduz!

Deixis reger, ó filha, a extremidade,
Que o concerto a quem nãos saçar a vida,
Te livrará das agitas d'esse amor!

Oh! as moções das grúas do mirado
Vêhe as língidas almas ao parrado,
Oh! não temas as queas da patrum dar!

Moção, mais
moção, mais
te dices aqui
amigüilha
Edy

As três irmãs

(Ext.)

Tudo é ruído e vento. Tudo é treva!
Nas estúas, nãos se avista um caminhante,
Do deim, nãos se vê, nãos se vê pallido
Com lagos encertos, se dirige, adiante...
Do mar, do fêria - do caminho
Nãos se vê, nãos se vê ali p'pinto.

Subito... duas mulheres se deitam
Debaixo d'uma melada, com o vento,
Uma, hórrida, tão negra com o crime,
Outra triste e em pranto por d'ellas
De jornadas effortas sem chegando
E já o subto as está imp'pinto:

- Onde está o quem é? - mulher esganiçada
- Que trazes d'esse a face - d'esse a face?
- Eu? - nãos a vejo, e nãos a vejo
Que em cada beijo nãos a vejo
Vendo de lar o lar d'esse a face
O coração d'uma família - nãos a vejo

De tu, quem es? ... não incomodado,
Que não se, não se a fronte tens oculta?
Deu? ... ou a dor ... a pima dos desgraçados,
"Que após a morte os corações unidos:
Vento do alvaque - onde ainsky chora,
E a orfandade em lagrimas desceira"

De tu quem es? que tão infernisa
- os interrogas ... grande Hagarstade?
Deu? ... - a aragem que penetra
dos olhos pima: - Eu choro
Sou pobre pima: - Eu chamo-me -
- Que se perdeu grato sentimento
- Que planta a alma - e eu choro -
Causa, um ...
da ...

Florianópolis, 9-10-24

9. 11. 24
Juvenatos Juvenos
A vida delle ... gargalhada,
A vida delle ... pranto. E ella chorava
Tob e corria trambolando que a matava,
E a via ... tarefa enfim agada ...

Amor, ... della a ago, boralda
De um ... fasson, jamais na casa
... fasson delle revolvava
De um ... pranto a ...
... Deus que deu a ...
... Redemptor ... Deus ...
... esmola: Deus ...

De ambos, ... filha os ...
Fila primeira ...
De elle chorava ...
A ...
Exultar

9-10-24

Pallida.

Na tua pallidez algo diviso
Lá côr das brancas monjas onaceras
Em preces, em visões; enclausuradas
Para a vida do amor e para o riso.

Nella a brancura dorme de um parir
Aberto em noites quentes, perfumadas
E do fino pallor de enamouradas
Normandas castellãs algo diviso.

Das languidas e mysticas Ophelias,
Que se vão para a morte doivoada
Sobre um leito de pallidas e azules.

A brancura parece que distancia
Em teu pequeno rosto de corado,
Em teu rosto pequeno de criança.
(Gloriano Britto)

A' boa Maura, recordação da
sincera amiga Carlota

Maura Santa Cruz.

O implacável e frio, o brava Santa Cruz
Que erra no mundo do seu rei e em nome de Jesus
Da nuvem fútil leva do sul ao norte
O odio, a perseguição, o incendio, o strago a morte.

Chorava em minha presença do Natal
Tendo sobre o uniforme a rede clavel.
E lá me tinha ao ar livre, a luz do sol da noite
E a brancura que o esorta estatica e submisso.

Como um rebento vil, a um lado os funcionários
Furavam-me, a torturar, cheios de uma mede atroz:
Cham-se montanhamente os seus companheiros,
E murmuram: Meu Deus, o que sera de nós?

Deixe enfim toda a vida que o sanguinário
Teu

De volta, e o omeio do segundo o ritual,
Da sacra vestimenta acollida na presença
De pistolas um fogo e a barra da
Do funeral

Quando afinal chegou o instante, a occasião
em que a missa terminava, e a cura pegando um bazo
sua tencion no ar e na medida do espaço
e desmonte signal da paz e do perdão.

A missa terminava
e a cura nesse dia
como sentisse o alma uns raios de alguma
de bondade e de amor, fize-se directo ao fundo
do capto, assim fallou circumvagando.
A vista em derredor: Humanoos rios.

"Bomahi que sou mais, fante e fante...
"Pois em breve ides ver parre se engana a quem
"Diz que em sou o anti-fante e que a fante."

Como é dia de festa e dia de festa,
"Donos a liberdade, e não vos fante mais!"

Alas havis de fante e do fante ou sen alar
"Se fante, fante e fante parilhão, angusto
"De El-Rei nosso senhor... e mandou desfante."

O carista fante, branco como o luar

Todos logo se fante, e fante se fante
e fante fante fante El-Rei! fante de fante
em fante.

Até fante um fante um fante fante fante
Fante - fante de fante, e fante com fante e
fante fante
e fante de fante fante fante fante, e
fante fante.

Eu? "surprezo disse e fante fante o fante
- Fante, fante o fante fante com fante,
- Ho ten rei não me fante... fante
son fante fante."

O cura um fante fante, fante se fante fante.
"Vamos: indo fante fante, fante fante fante!
- Não! -"

E havia nessa fante fante fante fante
e fante fante fante, que fante fante de fante
fante fante no fante de fante fante fante.

« Quanto bem, morrerás: mas diga-me primeiro,
« O que dejas tu? Queres beber, fumar?

— Padre, se vou morrer, quero me confessar.
« Curste-hei! disse o cura, e ao acaso, num
granto
Assentou-se.

O captivo, olhos no chão contido
Os olhos debem... nesse fugaz instante
Ele viu, elle viu n'um sembo lacrymante
A sua infancia, o lar, o leito de seus dias
O chupão do seu rio, os campos de seu
A noite gentil a igreja, a amada
Os parentes e irmãos, que de seu lado estavam

Oh! quem pôde esquecer o seu natal!
Oh! quem pode esquecer a benção maternal
De distancia, a guarda os dois olhos: Então
Enquanto o padre está attento o prisioneiro
Dirige uma descarga letal na amplitude
Tremem a terra e o val, tremem o
defiladeiro.

« As armas! o amigo a sentinella brada.
De golpe ergue-se o cura, e a foldra
amtra-se
Voz, da ordem, chama enquanto as balas chorrem
Nisto viu que que ainda estava apolhado o
forn!

Para
« O que dejas tu? indaga em tom severo
— Padre diz a prece, a absolvição esper
« O meio da febul convulsão da batalha
« Quanto rompe e rasga os ares a metralha,
Vir-se o cura depois de almeçar hjerio,
A fronte juvenil do heuro prisioneiro,
Segar de uma clarina, e d'ant'um furo,
Varar tranquillamente o cranio do ferido.
(2)

Segui fira toda a morte
amigado
Ada
John 15-7-1911.

Florianópolis

Um maestro

Vou contar-te, mimosa gulieta,
De um pobre tocador de violino,
Lá no mundo, sem mãe, tão pequenino,
E tristinha e singela historietta.

Um dia entisicou a sua preta
Labellera da pallida bambino
Tinhava mais doente e mais fragino
O seu rosto gentil de estatuetta.

Era indamente o mal. Uma clivura
Manhã de abril, mocho suavemente
No canto de uma praça silenciosa.

E chorando, a morrer, no derradeiro
Franse de dor, bijou soffocadamente
O violino, - amado companheiro.

Itala de Barros e Vasconcellos

Os cantos do jardim

Julio Santos

Não se esqueça o amigo e dê-me a sua mão,
Bondeira. É mais seguro: aqui o arvoredo,
Quando ha tres annos já pra dizer-lhe um segredo
E não, ainda não sei se hei de dizer-lhe ou não.

Não sei como explicar esta futilidade:
Hoje começa em si; mas é, portanto, medo
De não, não sei, creio que ainda é isto...
Sempre tanto uma desillusão!

Como sem eu falar, que que me adrinha:
Dem tanto de sua mão a estremece na minha
Como as ar da manhã a folhagem doada...

Poderia, talvez, dizer-lhe tudo agora...
Bondeira; eu... Mas que tem? Desfallece, descora...
Não, decididamente, eu não lhe digo nada.

Seguir offensa a Roma
como recordação
muito a Julia Santos

Soneto

"Lá fora, a voz do vento ulula rouca!
 Tin, a cabeça no meu bombo inclina,
 E essa bocca vermelha e pequenina
 Aproxima, a sorrir, de minha bocca!

Que em a fronte repouse anciosa e louca
 Em teu seio, mais alho que a neblina
 Que, nas manhãs hiemais, humida e fina
 Da serra as grimpas verdejantes toca!

Solta as tranças agora, como um manto
 Canta! Embala-me o somno com teu canto
 E eu, aos raios tranquilllos desse alho,

Possa dormir sereno, como um rio
 Que, em noites calmas, sociegado e frio
 Dorme aos raios de prata do luar!"

(O. B.)

A ti, que
 és minha vida
 e a minha vida
 offerta-te este
 soneto como
 prova de grati-
 das
 D. J. da
 Maria
 3-11-32

Em frente ao teu retrato

Theresa
 testemunhando
 a vida
 e a morte

Quando te fôz amada creatura
 Junto a saudade de um amor perdido
 Ah! quanto isto suportar celado
 Estar de tua presença que perdura!

Almas que vivem com toda sua ternura
 E os seus olhos seguem por-te ao meu lado
 De mim! que vivo tortura
 Com um amor capaz de uma honra!

Faz um milagre ó Deus Omnipotente
 Tu que também o amaste, ardentemente
 O coração da Virgem casto e santo:

Realme o feito que sua dor estale!
 Transforma-se em palad, trêz em lale
 Aquella creatura que me amou tanto!

(Th. Guimarães)

Rosas.

Rosa! És a flor mais bella e mais gentil
Por entre as flores que a natureza encerra!
Bendito sejas tu, ó mez d'abril,
Que de rosas inundas toda a terra!

Branças, vermelhas ou da cor sombria
Do desespero e do pesar mais fundo;
Sóis symbolo d'amôr e d'alegria,
A obra prima pois da natureza!

O vos, vos tão bonitas e miúdas
Esqueço a minha dôr, minha saudade,
Para só vos contemplar, de orgulhosas!

Eu abenço-o então a natureza
E, curvo-me ante-vos com humildade,
Ó rainhas da graça e da belleza!

A ti, querida Maura, offereço este soneto como
tributo da amizade que te consagro.

Saudades da Alayde

A ti, querida Maura,
offereço este soneto.

Amor
É um fogo que arde sem se ver,
É um perfume que não se sente,
É um contentamento descontente,
É um dôr que desatina sem doer.

É um querer mais que bem querer,
É um andar por entre a gente,
É não contentar-se descontente,
É cuidar que se ganha em se perder.

É um estar-se preso por vontade,
É servir a quem vence o vencedor,
É um ter, com quem nos mata a lealdade

Mas como causar pôde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Fendo a si, tão contrarios o mesmo Amor?

Canções.

Ipoh, 13-10-1921

Ho album de Naura

(Cat.)

Tudo muda com os annos:
A dor - em doce saudade,
Na velhice - a mocidade,
A creança - nas derenganas!
- Tudo se gasta e se apia,
Tudo dermaia e se apaga,
Como um nome sobre a areia,
Quando cresce e corre a vaga.

Feliz quem guarda as memorias
Ho lembranças mais queridas,
No livro d'alma creulpida
Gravadas fundas em si!
- Essas duram; mas que vale
Um nome descaheido
Se ha de se logo apagado,
O nome que eu fiz aqui!

Helena

Floris, 13-10-91

A' tua Naura
o eterno affecto da
collega - e amiga
20. Brates

Florianopolis

I
As clausas de além mar em citharas divinas,
Alegres cantam a ti, o meu torrão querido,
E o mar, o vasto mar, e as candidas ondinas,
Beijam-te vem sorrindo ao lito adormecido.

II
As flores te coroam a si alegremente
E chamam-te a cantar de beijo de porta,
E os anjos que do além te guardam docemente,
Sua alma dizem ser cecim igual dilecta!

III
Estrellas que scintillam no cio migo de azul,
Que espargem sua luz em magico discante
Te chamam sem timer: primor de todo Sul,
De todas do Brazil, a mais gentil, galante!

IV
Em tudo tens belleza, em tudo tens amor,
Sublime e' o teu cio de hilho crystalino,
Tu e' mais que belleza, e' mais do que amor,
Nascido la de Deus, o Rei Senha divino!

N. NABAS

Horacio de Brito.

Ronde. d' amor.

Um pequeno jardim, onde o gorgear
Da passerada garrula se ouvia,
Sibilante de amor e de alegria,
Chibecendo um mystico tomboio.

II

Abre-te, feli, pela manhã, um vago rancor
Nas pétalas das flores entaladas,
Transformando o perfume em garbado
Palpitando-dhe, trepido no ar.

III

E quando pelas noites lunares
Perfumadas canções se elevam,
Surgiram nos jardins das rosas,

No canteiro das meigas violetas
Vibram, aos beijos, ondas, raios brilhantes,
Um rasal de regulados borboletas.

Temerha de Barros e Vasconcellos.



MEDALHA DO MÉRITO

ANITA

GARIBALDI

Criada pelo Decreto SEA Nº 110, de 4 de Abril de 1972



Decreto No. MM-124/86

O Governador do Estado de Santa Catarina, no uso das atribuições que lhe confere o Artigo 93, item III da Constituição, e nos termos do art. 1º, do Decreto SEA nº 110, de 4 de abril de 1972, alterado pelo Decreto 7.245 de 9 de Março de 1979, outorga a Medalha do Mérito Anita Garibaldi, categoria **BRONZE** a

de Senna Pereira

relevantes serviços prestados ao

Santa Catarina, 25 de novembro de 1986

Governador do Estado

Secretário de Estado



ESTADO DE SANTA CATARINA

DECRETO Nº MM-124/86

O Governador do Estado, no uso da competência privativa que lhe confere o artigo 93, item III, da Constituição do Estado e nos termos do artigo 1º do Decreto SEA Nº 110, de 4 de abril de 1972, alterado pelo Decreto nº 7.245, de 9 de março de 1979, outorga a MEDALHA DO MÉRITO ANITA GARIBALDI, categoria BRONZE, a Excelentíssima Senhora MAURA DE SENNA PEREIRA, pelos relevantes serviços prestados ao Estado.

Florianópolis, 18 de novembro de 1986

ESPERIDIÃO AMIN HELOU FILHO

PDF Create! 6 Trial
www.nuance.com

